

JOÃO DO RIO NA SALA DE AULA

Maria Izabel Salvador Esteves

Bolsista CAPES. Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual de Maringá - UEM, e-mail IES: ra115323@uem.br

Márcia Elisa Teté Ramos

Bolsista CAPES. Orientadora Residência Pedagógica História/UEM.

Isabel Cristina Rodrigues

Bolsista CAPES. Orientadora Residência Pedagógica História/UEM.

RESUMO

Neste projeto, buscaremos trabalhar o autor João do Rio em especial sua obra As religiões do Rio em sala de aula, com o intuito de apresentar um pouco sobre as religiões como por exemplo, a execução dos cultos e seus frequentadores, no ensino de História. As religiões no Rio é a fonte de uma iniciação científica e o fruto dessa pesquisa incentivou essa apresentação sobre o João do Rio com objetivo de incentivar a discussão em sala de aula das religiões, visto que através das diversidades religiosas podemos alcançar a inclusão. É de muita relevância utilizar essa obra em sala de aula pois, ela traz muitas religiões as vezes desconhecidas ou mesmo satirizadas pelos alunos, como por exemplo as religiões afro-brasileiras. O método dessa apresentação é um estudo aprofundado da obra em questão e este estudo foi fruto de um projeto de iniciação científica que para um maior entendimento da obra e também para poder ser realizada a pesquisa, foi necessário fazer um fichamento da obra As religiões do Rio. Tentando frisar o problema, a tese e o raciocínio do autor em cada capítulo. Tenho intuito de conta a experiência da pesquisa e incentivar os professores a levar esse conteúdo para a sala de aula, mas para levar para a sala de aula é necessário fazer uma abordagem didático-pedagógica apropriada para a fase/idade/série ou ano a que se destina.

Palavras-chave: João do Rio, Religiões, inclusão, ensino de história.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de um projeto de iniciação científica, orientado pela professora Vanda Fortuna Serafim, coordenadora do grupo de pesquisa HCIR da UEM. Este PIC em questão tem como título “As representações das religiões afro-brasileiras em As religiões do Rio” (RIO DE JANEIRO, 1904). Este trabalho, fruto do PIC com o título “João do Rio na sala de aula” tem o intuito de apresentar os resultados do PIC e as outras religiões presente na obra “As religiões do Rio”, considerando a sala de aula. Ou seja: O PIC, servirá de base para práticas na Residência Pedagógica de História, orientados pelas professoras Isabel Cristina Rodrigues e Márcia Elisa Teté Ramos. Em sala de aula, o objetivo é desconstruir a intolerância religiosa e promover a inclusão. Sabemos que a exclusão de pessoas com a religião diferente da nossa existe no Brasil e no mundo, por isso a necessidade dos alunos do ensino fundamental e médio de conhecerem outras religiões, pois o conhecimento, no caso, de História, é capaz de acabar ou pelo menos reduzir os preconceitos religiosos.

No projeto de iniciação científica, que impulsionou este trabalho, buscamos entender as representações das religiões afro-brasileiras no Brasil, no início do século XX. As religiões afro-brasileiras são vistas pela sociedade, ainda hoje, com grande preconceito, visto que seus ritos são satirizados e, muitas vezes denunciados e combatidos. Mas como essas religiões foram enxergadas no início do século XX? É isso que vamos procurar entender na pesquisa, através da obra *As religiões no Rio* do autor João do Rio. A obra é um compilado de entrevistas e foi publicada na *Gazeta de Notícias* em 1904. O motivo da escolha desse documento deve-se ao fato de que a obra é uma das primeiras no Brasil a retratar as religiões afro-brasileiras, além de ter sido um sucesso de vendas na época. Considerando a alguns autores que trazem importantes contribuições para a realização da discussão proposta, atentaremos inicialmente ao capítulo “História das religiões e das religiosidades” de Jacqueline Hermann (1997). A autora escreve sobre a importância e surgimento da história das religiões e destaca que a história das religiões, como disciplina, é fruto de um longo processo que envolveu a configuração de disciplina específica, dotada de objeto e metodologia próprios.

Segundo Hermann (1997), diversos autores foram responsáveis para a formação da história das religiões, como por exemplo, Tylor, Frazer, Durkeim que ofereceram o primeiro esboço metodológico para a análise de sistemas

religiosos. Mas não resta dúvida de que seria Max Weber quem levaria às últimas consequências a noção de uma “sociedade ideal” e consolidaria a relação entre sociologia do conhecimento e sociologia da religião, ao transpor para a análise das comunidades religiosas seu método de construção de “tipos ideais”. No Brasil, de acordo com Jacqueline Hermann, os cientistas sociais, no máximo, dedicaram-se ao estudo da cultura negra e do processo de miscigenação que esteve na base de nossa formação cultural e religiosa. Vê-se, portanto, que negativa ou positivamente, os estudos sobre o caráter nacional ou sobre a especificidade de nossa formação sociocultural, revelaram desde cedo uma história, no mínimo, ambígua e dicotômica, mas caminhando francamente para uma abordagem mais rica e complexa.

Para Hermann diferentemente dos objetivos da “sociologia religiosa”, que inseriu suas preocupações com o fenômeno religioso na busca de leis gerais do funcionamento da sociedade, a “ciência das religiões”, ou a “história das religiões”, passou a ter um objeto específico: a origem das religiões, de um lado, e a essência da vida e do homem religioso, do outro. Para a autora alguns trabalhos caracterizaram-se por tentarem contar a história das chamadas “grandes religiões”, inventariando suas crenças, rituais etc., numa abordagem que privilegia a busca das origens da evolução histórica observada, via de regra, por seu desdobramento linear e cronológico. Há ainda os que procuram relacionar o surgimento de certas religiões a transformações históricas globais.

Mircea Eliade (1992), com o trabalho *O sagrado e o profano: a essência das religiões* representa bem a opção dos que entenderam ser mais importante a análise das estruturas do fenômeno religioso para a compreensão da essência da religião, do que decifrar a sua história. Eliade procura desvendar o sentido da experiência, partindo da premissa de que o sagrado se constitui em oposição ao profano. Nesse sentido, é preciso ter cuidado com as generalizações geralmente a-históricas, e mesmo irracionais, para algumas de suas conclusões, sem perder de vista a importância das questões levantadas pelo autor e que muito têm auxiliado na formulação de um roteiro importante para uma abordagem histórica das religiões e da vivência religiosa, a exemplo do sentido da experiência sagrada, da função dos mitos, da estrutura dos símbolos e da percepção da religião como uma cosmogonia. Apesar de ancorada num conjunto de questões razoavelmente definido, a história das religiões levaria ainda algum tempo para construir seus próprios conceitos e adaptar-se a análises

que levassem em conta as diferenças espaciais e temporais das mais variadas manifestações religiosas.

Sendo assim, pode-se perceber a relevância do tema, ou seja, a importância da história das religiões e a necessidade de levar para os alunos em sala de aula, a obra *As religiões no Rio* que permite servir ao propósito de ensinar um pouco sobre as religiões, desconstruindo a intolerância religiosa. Entendemos, assim como Isabel Barca (2004), que devemos superar a aula expositiva e impositiva em prol de uma aula que possibilite a construção do conhecimento histórico. Esta autora, considera que a aula de história desejável, que denomina “aula-oficina”, deve ser pautada na concepção de que os mesmos procedimentos metodológicos do conhecimento histórico especializado devem ser transpostos para a sala de aula da Educação Básica. A metodologia própria da ciência histórica envolve primeiramente o uso de fontes históricas. Desta forma, a obra *As religiões no Rio*, pode ser uma fonte histórica a ser interpretada junto aos alunos, considerando que alguns conceitos históricos podem ser mobilizados para tal.

OBJETIVOS

Analisar a fonte histórica *As religiões no Rio*, com o objetivo de promover a tolerância, o respeito e a compreensão sobre a diversidade religiosa.

Assim, se transpõe para a sala de aula, pesquisa já desenvolvida sobre o tema no âmbito da Iniciação Científica, realizando uma relação entre pesquisa e ensino.

METODOLOGIA

Para um maior entendimento da obra e também para poder ser realizada a pesquisa, foi necessário fazer um fichamento da obra *As religiões do Rio*. buscando problematizá-la, considerando a tese e o raciocínio do autor em cada capítulo. Esse fichamento será fundamental para o ensino das religiões na sala de aula, lembrando que BARCA (2004) entende que o professor deve sempre ser investigador, pois investiga: 1) a temática; 2) o que seus alunos pensam sobre a temática e 3) ensina como investigar a temática.

Aqui expomos brevemente nossa interpretação, considerando primeiramente uma DESCRIÇÃO:

No primeiro capítulo, *No mundo dos feitiços*, o principal problema do autor é entender as religiões afro-brasileiras, quando a tese se concentra

em expressar que todos os que vivem no Rio de Janeiro dependem dos feitiços e os utilizam muito, não importa a classe social ou a raça. O raciocínio do autor nesse capítulo é dividido em subcapítulos, sendo o primeiro intitulado *Os feiticeiros*, onde João do Rio apresenta o Antônio, seu informante, que logo vai dando informações das religiões afro-brasileiras e quem as realiza.

O autor inicia outro subcapítulo, chamado de *As iaôs*, quando fala sobre essa crença de que para ele está na base do culto africano. E também comenta sobre se “fazer santo”, que, para o autor, “Fazer-santo é a renda direta dos babaloxás, mas ser filha-de-santo é sacrificar a liberdade, escravizar-se, sofrer, delirar” (RIO, 1904, p.32). João do Rio vai até um grande feiticeiro e relata tudo o que vê:

Olhei o célebre pai-de-santo, cujas filhas são sem conta. Estava sentado à porta da camarinha, mas levantou-se logo, e a negra iniciada entrou, de camisola branca, com um leque de metal chocalhante. Fula, com uma extraordinária fadiga nos membros lassos, os seus olhos brilhavam satânicos sob o capacete de pinturas bizarras com que lhe tinham brochado o crânio. Diante do pai estirou-se a fio comprido, bateu com as faces no assoalho, ajoelhou e beijou-lhe a mão. Babaloxá fez um gesto de bênção, e ela foi, rojou-se de novo diante de outras pessoas. O som do agogó arrastou no ar os primeiros batuques e os arranhados do xequeré. A negra ergueu-se e, estendendo as mãos para um e para outro lado, começou a traçar passos, sorrindo idiotamente. Só então notei que tinha na cabeça uma esquisita espécie de cone (RIO, 1904, p. 41).

O próximo subcapítulo é denominado *O feitiço*, e é aqui que se encontra a tese do autor: que nós dependemos do feitiço. Há no Rio “magos estranhos” que conhecem a alquimia e os filtros encantados, como nas mágicas de teatro, há espíritos que incomodam as almas para fazer os maridos incorrigíveis voltarem ao tálamo conjugal, há bruxas que abalam o invisível só pelo prazer de ligar dois corpos apaixonados, mas nenhum desses homens, nenhuma dessas horrendas mulheres tem para este povo o indiscutível valor do Feitiço, do misterioso preparado dos negros (RIO, 1904, p.45). *O Feitiço* trata de “nosso vício”, o nosso gozo, a degeneração. Exige, damos-lhes; explora, deixamo-nos explorar, e, seja ele maitre-chanteur, assassino, larápio, fica sempre impune e forte pela vida que lhe empresta o nosso dinheiro. Os feiticeiros formigam no Rio, espalhados por toda a cidade (RIO, 1904, p. 46). O autor na conversa com o feiticeiro fica sabendo de vários feitiços e como são feitos. E também fica

sabendo o que sustentam os feiticeiros: “O fundo de toda a sua ciência é o *Livro de S. Cipriano*. Os maiores alufás, os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do S. Cipriano. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais os negros soletram o S. Cipriano, à luz dos candeeiro” (RIO, 1904. p.54).

O próximo subcapítulo deste capítulo tem como nome *A casa das almas*, onde, assim como nos demais capítulos, o autor busca conhecer um pouco mais sobre a cerimônia. Sobre o culto, João do Rio expõe sua opinião:

O culto precisa de mentiras e de dinheiro. Todos os cultos mentem e absorvem dinheiro. Os que nos desvendaram os segredos e a maquinação morreram. Os africanos também matam. E eu, perdoando o crime desse sacerdotio mina, que se impõe e vive regaladamente, tive vontade de ir entregar Antônio negro e a dormir à casa de Ojô, para que nunca mais desvendasse a ninguém o sinistro segredo da casa das almas (RIO, 1904,p. 68-69).

O último subcapítulo é denominado *Os novos feitiços de Sanin*, em que o autor vai até a casa de Sanin e pergunta se ele tem feitiços novos, pergunta do qual obtém uma resposta negativa. Em seguida, o autor abre a carteira e entrega um papel que estaria o nome de uma moça e o autor pedia por um trabalho. Sanin faz o autor vagorosamente dar a volta ao armazém do feitiço.

O capítulo seguinte da obra é intitulado *A igreja positivista*, e visa entender a história do positivismo no Brasil. A tese do João do Rio é que o positivismo é uma “religião” muito boa que contém muito respeito. João do Rio conta que estava acompanhado de Teixeira Mendes para ir conversar com um velho positivista, que apresentava inicialmente um desprezo pela imprensa, mas depois permitiu levar o autor até a igreja, o que rendeu uma boa conversa, sobre a história do positivismo.

O capítulo posterior tem como título *Os maronitas*, que tem como problema entender como esse povo sofrido historicamente fez sua história no Brasil, seguidos de preceitos religiosos. Para o autor foi só com a união entre eles que conseguiram crescer economicamente, fortalecendo esse grupo que quer fazer parte do Brasil mesmo não se dando tão bem com os portugueses. João do Rio inicia narrando a história do São Marron, e deixa claro que ele pregava a doutrina pura conservadora sua verdadeira fé. João do Rio comenta que, com a chegada desse povo no Brasil, há 20 anos

da época do autor, eram chamados muitas vezes de turcos e encontraram muita dificuldade com a socialização, o que fez eles se juntarem entre eles e se tornarem comerciantes sem o amparo de ninguém. O autor finaliza o capítulo escrevendo:

E não sei porque, vendo-os tão simples diante das paredes carcomidas, esses sacerdotes de um povo religiosamente bom, eu recordei a frase profética dos papas. O povo maronita é como uma flor entre espinhos, mas uma flor cujo viço é eterno. Os espinhos continuam persistentes mas a velha flor espalha-se pelo mundo, recendendo a mais doce ternura e a mais profunda crença... (RIO, 1904, p.99).

Para a sala de aula, desenvolveremos os passos para a problematização da fonte histórica, superando a centralização na interpretação da “professora”. Seguiremos então a tabela de problematização de fontes proposta por Francisco César Ferraz (1999), que serve tanto à pesquisa acadêmica como à pesquisa escolar. PROCEDÊNCIA: Quem fez? Onde? Quando? Para quem? Onde ficou? Houve alguma forma de exposição pública? Como foi sua recepção? Qual era a posição do(s) autor(es) na sociedade? E do(s) seu(s) destinatário(s)? É assinada? É dedicada a alguém? FINALIDADE: Por quem foi feita? Para quem? Sua finalidade foi bem-sucedida? Seguiu um padrão anterior ou foi original? Qual sua importância para a sociedade em que se originou? Houve alteração posterior em sua forma e/ou conteúdo? TEMA OU ASSUNTO (DESCRIÇÃO): Qual o título? É um tema original ou seguiu modelo anterior? Existem temáticas secundárias? Como se articula(m) com a principal? Existem pessoas retratadas? Quem é/são? Quais são seus atributos? Que estão fazendo? Como se vestem? Existe alguma hierarquização no(s) tema(s)? Existe indício de tempo histórico retratado? ESTRUTURA TÉCNICO-FORMAL: Qual é o suporte? (no caso, livro); SIMBOLISMO: seria a interpretação em si, sobre religião, sobre tolerância religiosa, sobre diversidade. Aqui se investiga vocabulário (alufás, por exemplo) e conceitos (positivismo, por exemplo).

Algumas respostas podem ser buscadas junto aos alunos e alunas, como bem diz BARCA (2004), pois todo tema, toda aula se inicia com breve indagação sobre o que tais sujeitos pensam, sobre o que já sabem. Provavelmente, os(as) estudantes já trazem ideias sobre religião, sobre tolerância religiosa, e estas devem ser reconhecidas. Com o levantamento deste conhecimento prévio sobre o assunto, facilita a direção da aula, já que o professor ou professora se inteirará das lacunas apresentadas, dos consensos e dissensos.

Devido à complexidade da fonte histórica em questão, recomenda-se o trabalho didático-pedagógico levando em conta, alunos e alunas do Ensino Médio. Não que o tema não seja pertinente a outros níveis de ensino, mas para estes, outras fontes podem ser buscadas para tratar da diversidade religiosa, inclusive história em quadrinhos, filmes, música, reportagens, desenhos animados, literatura infantil, etc.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao definir o que é entendido, teoricamente, sobre a obra *As religiões do Rio* do autor João do Rio ao longo da introdução, como também daquilo que foi apresentado no desenvolvimento, uma síntese da análise das diversas produções historiográficas brasileiras que debruçam sobre a mesma temática, cabe agora conceber uma discussão, no sentido de alcançar os objetivos e resultados da pesquisa.

Primeiramente é importante fazer uma breve apresentação da obra *As Religiões no Rio* é um livro de autoria de João Paulo Barreto, que usava o pseudônimo de João do Rio. Publicado inicialmente como uma série de reportagens no *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, de janeiro a março de 1904, ganhou volume único no mesmo ano, publicado pela Editora da Gazeta de Notícias. Nos anos que se seguiram, recebeu a várias edições pela Livraria Garnier, e logo foi considerado um *best-seller*. A obra é dividida em capítulos: *No mundo dos feitiços, A igreja positivista, Os maronitas, Os fisólatras, O movimento evangélico, A ACM, O satanismo, Os exorcismos, As sacerdotisas do futuro, A Nova Jerusalém, O culto do mar, O espiritismo e As sinagogas*.

No decorrer da pesquisa conseguimos encontrar uma relação muito grande da obra *As religiões do Rio* com o catolicismo embora o autor João do Rio não apresenta nenhum capítulo específico sobre o catolicismo em todo o momento o autor compara as demais religiões com ela como podemos ver nos excertos abaixo:

Os negros guardam a idéia de um Deus absoluto como o Deus católico: Orixá- alúm. (RIO,1904. p.19)

Fazer-santo é colocar-se sobre o patrocínio de um fetiche qualquer, é ser batizado por ele, e por espontânea vontade dele. (RIO,1904,32)

Sabem que Satã é o proscrito, o infame, o mal, o conspurcador, fazem apenas o catolicismo inverso, e são supersticiosos, depravados mentais, ou ignorantes apavorados das forças

ocultas. O número de crentes convictos é curto; o número de crentes inconscientes é infinito. (RIO,1904.p.173)

Curvou-se, juntou as mãos, e a paródia da missa católica começou, em latim, mudando apenas Deus pelo Diabo. Era tal qual, curvaturas, gestos, toques de campainha, resposta de sacristãos, tudo.(RIO,1904p.73)

Na Trindade Divina, o Pai é a alma, o Filho o corpo, o Espírito Santo a operação condensado numa só pessoa: - Jesus. É esta a divergência capital do Catolicismo. A Nova Jerusalém é o cristianismo primitivo.(RIO,1904.p.225)

- Que diferença há entre Nossa Senhora e a Mãe-d'Água? - indago interessado.

- Nossa Senhora está no céu. Mãe-d'Água é diferente; é a devoção, é como um santo do Mar... E sopra-me na cara uma baforada de fumo mau. (RIO, 1904. P.231).

Também ficou evidente na pesquisa uma diferença de tratamento entre as religiões afro- brasileiras e as outras religiões como por exemplo no primeiro capítulo *No mundo dos feitiços*, o autor descreve uma dança ritualística como “É simples, contínua e insistente, horrendamente insistente” (RIO, 1904, p. 42) “Fomos pela rua estreita com a visão sinistra da pobre mártir aos pulos, dessa cabeça pintada, entre os chocalhos e os atabaques, que dançava e gritava horrendamente” (RIO,1904, p.44) e continuou:

Aos poucos, outros negros, não podendo mais, saltaram também na dança, e foi então entre as vozes, as palmas e os instrumentos que repetiam no mesmo compasso o mesmo som, uma teoria de cara bêbedas cabriolando precedidas de uma cabeça colorida que esgarejava lugubrememente. A loucura propagou-se. No meio do pandemônio vejo surgir o babaloxá com um desses vasos furados em que se assam castanhas, cheio de brasas. (RIO, 1904. p.42)

Criaturas rojavam-se aos pés do pai, beijando-lhes os dedos, negras uivavam, com as mãos empoladas de bater palmas; dois ou três pretos aos sons dos xequerês sacudiam-se em danças com o santo, e a iauô revirava os olhos, idiota, como se acordasse de uma grande e estranha moléstia. (RIO, 1904, p.43).

Para mostrar a diferença de tratamento mostramos como o João do Rio descreve os positivistas, que o autor tem uma relação mais íntima já que seu pai Coelho Barreto participava dessa religião.

Tínhamos ido a conversar com um velho positivista. A princípio ele anunciara um profundo desprezo pela frivolidade jornalística e a imprensa. Mas depois, como eu risse sem rancor, permitiu-se levar-me até a Igreja e foi tão bondoso que ali estávamos, tagarelando de coisas superiores, enquanto ao templo continuava a afluir a onda de fardas, de senhoras e de cavalheiros solenes. (RIO,1904. p.79).

Fiquei enlevado a ouvi-lo. Esse mesmo homem, puro como um cristal, que teu o saber nas mãos, eu já o vira uma vez, de manhã, carregando com dignidade um embrulho de carvão. (RIO,1904.p.89).

Algo muito relevante de se notar é que por mais que João do Rio apresenta algumas diferenças no tratamento e preconceito com as religiões afro-brasileiras, ele considera essas crenças como religião, é isso não era um consenso para a época. É nesse sentido que nos propomos a perceber João do Rio enquanto um intelectual que merece atenção por seu esforço ao denominar as práticas afro-brasileiras enquanto religião. Só tem um momento na obra que o autor diz que não considera o que vê como religião no capítulo *Os satanismos*, sobre a missa negra, ele diz “Não era uma religião; era um começo de saturnal” (RIO, 1904. p.181). Segundo nosso propósito de levar esta fonte histórica para as aulas de História, seguramente precisamos dizer que as religiões devem ser respeitadas, compreendidas, mas que no caso de algumas seitas, como esta que João do Rio menciona, podem até ser compreendidas, mas não aceitas. Mesmo algumas religiões, se é o caso de serem intolerantes e preconceituosas, devem também ser compreendidas, mas não corroboradas.

Podemos perceber a grande importância do informante do João do Rio no primeiro capítulo *No mundo dos feitiços*, o autor é praticamente conduzido por esse informante, que além de apresentar vários lugares tira várias dúvidas do autor. João do Rio define seu informante como:

Antônio é como aqueles adolescentes africanos de que fala o escritor inglês. Os adolescentes sabiam dos deuses católicos e dos seus próprios deuses, mas só veneravam o uísque e o schilling. Antônio conhece muito bem N. S.^a das Dores, está familiarizado com os orixás da África, mas só respeita o papel-moeda e o vinho do Porto. Graças a esses dois poderosos agentes, gozei da intimidade de Antônio, negro inteligente e vivaz; graças a Antônio, conheci as casas das ruas de São Diogo, Barão de S. Felix, Hospício, Núncio e da América, onde se realizam os candomblés e vivem os pais-de-santo.

E rendi graças a Deus, porque não há decerto, em toda a cidade, meio tão interessante. (RIO, 1904. p.17).

Pode-se perceber também que Antônio exercia uma pequena influencia no João do Rio, pois ele escreve “Naturalmente Antônio fez-me conhecer os alufás.” (RIO, 1904. p. 25). Antônio também tirava as dúvidas do autor “Eu olhava a réstia estreita do quintal onde dormiam jabotis. - O jaboti é um animal sagrado? - Não, diz-nos o sábio Antônio. Cada santo gosta do seu animal.” (RIO, 1904. p. 29). Antônio em alguns momentos orientava o João do Rio de como se comportar, como por exemplo:

Pois seja! disse Antônio, tomando coragem. V. S. pode ir, mas não cuspa, não fume e não coma nessa casa. Eu não vou. - Acompanhas-me até a porta? - Até à esquina. Ficarei de alcatéia. Sanin e Ojô são capazes de me acabar com a vida. A vida de Antônio é uma vida, sob todos os títulos, preciosa, e naquele momento ainda o era mais, porque a sustentava eu. Refleti e concordei. (RIO, 1904. p.69).

Esta questão de termos na obra de João do Rio um personagem que direciona, que orienta, pode ser tratada como fundamental no processo de ensino e aprendizagem histórica, já que o professor ou professora seria aquele ou aquela que, posteriormente à sua própria pesquisa, fornece condições para que os(as) estudantes busquem repostas para as problemáticas (as perguntas da tabela de interpretação de fontes).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir o tema diversidade religiosa, a necessidade de compreendê-la e reduzir preconceitos é extrema importância, visto que as religiões estão presentes, provavelmente, em quase 100% dos alunos, mas muitas vezes esse assunto não entra em sala de aula. Além disso para trabalhar esta temática em sala de aula abarcando a aprendizagem histórica, pensamos na obra “ As religiões do Rio” do autor João do Rio que é uma literatura, como fonte histórica. A literatura em sala de aula tem como objetivo, além de cativar o aluno ao prazer à leitura, formar indivíduos mais humanos, assim, capacitando-os a enxergar as questões da sociedade com maior clareza para que possam desenvolver um senso crítico e ampliar os seus horizontes a respeito da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela oportunidade de realizar o meu projeto de iniciação científica, com o título *João do Rio e as representações das religiões afro-brasileiras*, orientado pela professora Vanda Fortuna Serafim (UEM), que graças a esse PIC pude realizar essa pesquisa, que tem como ideal pensar em como usar o meu PIC em sala de aula com o intuito de diminuir intolerância religiosa. Também sou grata por participar da residência pedagógica e pela Márcia Elisa Teté Ramos e Isabel Cristina Rodrigues terem me orientado e incentivado a participar deste evento.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: BARCA, Isabel (Org.) **Para uma educação de qualidade:** Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Lisboa: Livros do Brasil, s.d. 1992 (Edição brasileira: São Paulo: Martins Fontes, 2001).

FERRAZ, Francisco César Uma agenda alternativa para o debate sobre o uso escolar das fontes históricas. In: SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. R. III ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA. Curitiba: Aos Quatro Ventos. 1999.

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PESSAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. Porto Alegre: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, jan./dez. 2006.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação? **Educ.rev.**[online].2001, n.18,pp13-27.

RIO, João do. **As religiões no Rio.** Paris: Garnier, 1906

ISBN 978-65-86901-58-0



VIII ENALIC

EDUCAÇÃO DIGITAL

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

VII SEMINÁRIO DO PIBID

II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & ciências sócias**, Universidade Federal do Rio Grande- Furg, 2009.